## Violão de 7 cordas

por Mauricio Carrilho

Instrumento popularizado pela sua constante presença no universo do choro e do samba, vem sendo cada vez mais utilizado, em todo o mundo, como instrumento de acompanhamento, como solista, em música de câmara e recentemente em música de concerto. Sua origem é discutida. Alguns citam ciganos russos como os responsáveis por sua chegada ao Brasil, o que ainda não foi comprovado por nenhum historiador. O fato é que a partir de Tute (Arthur de Souza Nascimento, Rio de Janeiro, 1/7/1886 – 15/6/1957) e de seu contemporâneo China (Otávio Vianna, irmão mais velho de Pixinguinha), o violão de 7 cordas entrou na música brasileira para não sair mais. Seu uso ficou restrito a um número reduzido de músicos até Horondino José da Silva, o Dino, passar a utilizá-lo em 1952.



Pixinguinha, China e José Alves de Lima em 1922

A partir da linguagem elaborada por esse mestre, outros violonistas passaram a se interessar pelo instrumento.

Com o movimento de ressurgimento do choro na mídia, por volta de 1975, vários jovens abraçaram o violão de 7 cordas, entre eles Rafael Rabello, que se tornaria um dos mais célebres violonistas brasileiros. Rafael usou pela primeira vez o violão de 7 cordas como instrumento solista. Gravou discos importantes com repertório abrangente que incluía choro, samba e obras clássicas de Radamés Gnattali e Garoto. A ampliação dos horizontes para este instrumento talvez tenha sido a principal contribuição de Rafael Rabello na impressionante popularização do violão de 7 cordas entre os músicos mais jovens, tanto nos provenientes da música popular quanto nos de formação erudita.

## Duas escolas

O violão de 7 cordas possui, hoje, duas escolas bem definidas. A primeira e mais tradicional segue o padrão de técnica e sonoridade desenvolvido pelo mestre Dino. A segunda, mais recente, utiliza cordas de náilon e tem técnica e sonoridade mais próximas do violão clássico.

**Violão de 7 com cordas de aço**



Jonas, Dino 7 cordas, Damázio, (conjunto Epoca de ouro 1975)

Quando Mestre Dino, em 1952, resolveu encomendar um violão com sete cordas ao luthier Silvestre, responsável pela construção de instrumentos de cordas da tradicional loja de música Ao Bandolim de Ouro, ele tinha duas referências essenciais: Tute no instrumento e Pixinguinha na linguagem musical. Dino freqüentava os locais onde Tute se apresentava para vê-lo tocar no mesmo período em que vivenciava, ainda como violonista de seis cordas, um dos mais belos momentos da história do choro – as sensacionais atuações de Benedito Lacerda na flauta com os contracantos de Pixinguinha no sax tenor. Pixinguinha e Tute foram herdeiros de fundamentos preciosos, frutos da convivência com mestres como Anacleto de Medeiros e Irineu de Almeida, e Dino soube aproveitar, como ninguém, estes fundamentos para criar o que viria a ser a linguagem definitiva para o violão de 7 cordas.

A diversidade no contorno de frases, as soluções rítmicas e o caráter que Dino imprimiu em cada gênero musical brasileiro tocado por ele em mais de sessenta anos de carreira criaram o padrão seguido por todos os violonistas de sete cordas que o sucederam.

Quanto à sua sonoridade, característica perseguida por praticamente todos os adeptos do violão de 7 com cordas de aço, valem algumas observações: normalmente os violonistas que usam cordas de aço tangem as cordas com uma palheta (plectro) ou uma dedeira (um anel com ponta em forma de plectro colocado no dedo polegar). No ambiente do choro e do samba a dedeira é muito usada, e violão tocado com palheta é praticamente inexistente.



São diversos os materiais usados na confecção de dedeiras, mas o preferido pelos violonistas é o aço inox. Essas dedeiras são geralmente confeccionadas a partir de uma chapa fina de aço e feitas sob medida, o que faz com que os violonistas as tratem com muito cuidado e não gostem de emprestá-las, para que não percam a forma de seu dedo. A técnica de mão direita de um violonista que usa dedeira é bem diferente da clássica.

O polegar é muito mais usado. Praticamente todas as frases são feitas com uso exclusivo do polegar combinado com ligados da mão esquerda.

As primeiras gravações feitas pelo Dino com seu violão de sete cordas mostram um som muito metálico da sétima corda. Mais tarde, no início dos anos 1960, fica evidente, pela sonoridade aveludada e seca (de curta duração), que ele passou a usar a quarta corda de violoncelo adaptada no lugar da sétima de seu violão. Outra característica do padrão de sonoridade criado pelo Dino é o uso das duas primeiras cordas (as mais agudas mi e si) de náilon, o que dá uma “adoçada” nas notas mais agudas dos acordes.

**Violão de 7 com cordas de náilon**



Rafael Rabello em 1982

Quando em 1979, Luiz Otávio Braga substituiu Rafael Rabello como violonista de 7 cordas da Camerata Carioca, o grupo se preparava para gravar um concerto de Vivaldi em transcrição feita por Radamés Gnattali. Nos ensaios Luiz Otávio experimentou encordoar seu violão de 7 com náilon, na tentativa de timbrar de forma mais homogênea os três violões do grupo. Animado com o resultado, Luiz Otávio encomendou o que seria o primeiro violão de 7 cordas feito para ser usado com cordas de náilon. O violão foi construído pela Giannini com o tampo harmônico trabalhado pelo violonista Sérgio Abreu, que iniciava sua carreira de luthier. Rafael se impressionou com o resultado deste instrumento e vislumbrou as novas possibilidades que poderia ter com um violão de 7 cordas de náilon. Pouco tempo depois encomendou ao luthier Mário Jorge Passos um violão com essas características.

Nessa época Rafael já se estabelecia como grande solista, dividia o palco, em duo, com cantores famosos, atuava como concertista e o novo instrumento atendia bem melhor às suas necessidades. Começava então uma nova escola de violão de sete cordas, onde a técnica de mão direita é muito próxima à usada no clássico violão de seis. Assim, tocado sem a intermediação da dedeira, o sete cordas de náilon se por um lado perde em ataque, ganha, por outro, possibilidades de variação de timbre infinitamente superiores.

Desde que passou a usar o violão de sete com cordas de náilon, os retornos de Rafael às cordas de aço, mesmo em acompanhamento de sambas e choros tradicionais, foram muito raros. Um desses momentos foi durante a gravação do CD *Chorando de Verdade*, de Joel Nascimento. Mesmo assim depois de muita insistência do Joel.

**Afinação**

Tradicionalmente o violão de sete cordas tem a sétima afinada em dó. Não acredito, como afirmam em alguns artigos, que seja pelo fato de que muitos choros são compostos na tonalidade de dó. Isto não é verdade. Os choros, valsas e sambas sempre foram tocados nas mais variadas tonalidades. Facilidade na montagem dos acordes é argumento que tampouco me convence. A única justificativa que eu encontro para esse hábito ter sido criado e passado, de geração a geração, pelos violonistas de 7 cordas é a

ausência de uma corda que sustentasse, com sonoridade, tensão e afinação satisfatórias, a nota si na sétima corda. A sétima afinada em si dá seqüência lógica aos intervalos de quarta existentes entre os baixos do violão.

Hoje encontram-se no mercado cordas de náilon e de aço com variados calibres e com diversas tensões, o que possibilita afinar a sétima em dó, si e até lá, mas imaginem as cordas que China, Tute e mesmo Dino no início, tinham para usar.

Com todo respeito à tradição, acho que afinar a sétima em dó é tão lógico quanto afinar a sexta em fá.

**Funções**

Antes do aparecimento do violão de sete cordas, as funções de harmonização, condução rítmica e contracanto eram divididas entre os violões de seis dos conjuntos regionais. Portanto a linguagem usada pelos violonistas de 7 cordas, antes da popularização deste instrumento, já era desenvolvida pelos violonistas de 6. Ouvindo as gravações do regional de Benedito Lacerda, com Dino e Meira nos violões de 6, percebemos que os dois participam das funções de base rítmico-harmônica e tocam frases de contracanto.

Embora em algumas composições existam frases obrigatórias, criadas originalmente pelo próprio compositor, na maior parte dos choros e sambas as frases tocadas pelos violões são improvisadas. O conhecimento de harmonia e a absoluta consciência rítmica e de estilo de cada gênero tocado são pré-requisitos indispensáveis para que um violonista improvise estas frases de acompanhamento com propriedade.

Com o passar do tempo, a extensão ampliada pelo recurso da sétima corda e o grande talento do mestre Dino foram dando ao violão de sete cordas um caráter diferenciado. O número de executantes foi aumentando e as frases de contracanto passaram a ser tocadas quase que exclusivamente por esse instrumento. Com isso os violonistas de sete cordas acabaram adquirindo um destaque que resultou numa posição, nem sempre justa, de superioridade hierárquica em relação ao nada fácil trabalho do violão de seis, nos conjuntos regionais. Esse destaque certamente contribuiu muito para a popularização do instrumento, e faz com que, cada vez mais, jovens violonistas optem por ele. Porém é sempre bom salientar que as maiores referências da história de nossa música popular como violonistas de sete cordas, Dino e Rafael, antes de se tornarem grandes contrapontistas sabiam exercer com perfeição as funções de violão de base, o que infelizmente não ocorre com significativa parcela dos executantes deste instrumento. O resultado desta falta de embasamento se traduz em situações lamentáveis. É comum em nossos dias encontrarmos quatro, cinco violonistas de 7 cordas em rodas de choro, todos fazendo baixarias e nenhum tocando a harmonia. O duelo de vaidades e frases cruzadas se sobrepõe a uma das mais ricas características do choro e do samba: o equilíbrio e a perfeita noção de conjunto que tradicionalmente marcaram nossos principais conjuntos regionais.

Embora a grande maioria dos violonistas de 7 cordas atue como integrante de conjuntos de samba e choro, o instrumento, a partir das primeiras gravações de Rafael Rabello como solista, passou a ocupar essa função nas mãos de outros músicos. O próprio Dino gravou solando, ao lado de Rafael, um CD histórico. Hoje temos uma brilhante safra de violonistas de 7 cordas solistas, brasileiros e de outros países, com inúmeros CDs gravados dos mais variados estilos.

Na música de câmara, especialmente nos conjuntos de violões, o 7 cordas e até o violão de 8 cordas vêm sendo largamente utilizados. O trabalho do Quarteto Maogani é um ótimo exemplo de uso desses instrumentos com extrema sabedoria e sensibilidade.

Em 2003 escrevi o que parece ser o primeiro concerto para violão de sete cordas e orquestra sinfônica: a *Suíte para violão de sete cordas e Orquestra*, com orquestração feita em parceria com o violonista e arranjador Paulo Aragão, e dedicada ao violonista Yamandu Costa. Esta peça foi executada pelas mais importantes orquestras brasileiras e também no Canadá, França e Bélgica, levando pela primeira vez o violão de sete cordas à condição de solista de orquestra.


Yamandu Costa

**Construção**

Todo processo de evolução técnica na execução de qualquer instrumento musical tem estreita relação com o aprimoramento na construção desses instrumentos. Nos últimos trinta anos verificamos uma verdadeira revolução na construção de violões, de 6 e de 7 cordas, no Brasil.

Até a década de 1950, quando Dino encomendou seu primeiro violão de 7 cordas, os instrumentos de cordas dedilhadas eram construídos por tradicionais casas de música. No Rio de Janeiro, fundadas por portugueses, destacavam-se: Ao Bandolim de Ouro, A Guitarra de Prata e O Cavaquinho de Ouro. Em São Paulo, fundadas por italianos, Giannini, Di Giorgio e Del Vecchio eram as mais famosas.

Na década de 1960 uma avalanche de música pop mudou o perfil do consumidor de instrumentos musicais. No lugar de violões e cavaquinhos, a procura era por guitarras elétricas. O resultado foi uma grande queda de qualidade nos instrumentos acústicos produzidos por esses tradicionais estabelecimentos.

Em meados da década de 1970, coincidindo com um bom momento do samba e uma grande onda em torno do choro, chega ao Brasil o luthier japonês Shiguemitsu Suguiyama. Sua produção em São Paulo e a de Sérgio Abreu no Rio de Janeiro estabelecem um novo padrão para a construção artesanal de violões em nosso país. A partir deles, vários construtores de alta categoria surgiram, tornando a produção brasileira de violões artesanais, de 6 e 7 cordas, uma das melhores do mundo.

**Histórias e personagens do violão 7 cordas**

**O recorde do Valter**

Valter Silva, o Valter 7 Cordas, um dos mais talentosos acompanhadores e improvisadores de baixarias que eu conheci, sempre foi respeitado por seu ouvido impressionante e por tirar do violão um volume fortíssimo. Freqüentador assíduo do Sovaco de Cobra, reduto dos chorões cariocas nos anos 1970, protagonizou um recorde incrível. Num final de tarde de domingo, quando todos já se preparavam para voltar pra casa, Valter pediu para que tocassem uma saideira. Foi atendido e no meio da música arrebentou uma corda sol. Rafael, que tinha na época uns catorze anos e adorava ver o

Valter tocar, prontamente sacou do seu estoque de cordas reservas uma para socorrer o colega. Não demorou muito e novamente, no meio de uma frase rápida, a nova corda sol se rompeu. Rafael soltou sua típica gargalhada (muito parecida com a do personagem Mozart, no filme *Amadeus*) e ofereceu outra. E assim, uma após a outra, as cordas foram arrebentando, o Valter fazendo caretas hilariantes e o Rafael ficando vermelho com sua risada de Mozart. No final, depois de seis cordas sol e uma ré, o Rafael escarafunchou sua sacola e ainda conseguiu falar: - acabou! - antes de soltar outra gargalhada. A roda acabou sem que a saideira chegasse ao fim.

**O cavalete**

Algumas semanas depois, a roda do Sovaco estava rolando na casa do Betinho, o mesmo Valter acompanhava o Rubinho trompete e o Zé da Velha, que tocavam juntos no conjunto Chapéu de Palha. No meio da animação o Valter exagerou no volume da baixaria e, em vez de arrebentar uma corda, arrancou o cavalete do violão. Mais um recorde quebrado!

**O ídolo**

Poucas vezes eu vi um músico ter tanta admiração por outro como Rafael tinha pelo Dino. Chegava a se vestir igual, usava um anel com uma pedra verde no anelar da mão esquerda, como o Dino, e desenvolvia teorias de que o peso do anel compensava a menor mobilidade deste dedo. Sonhava ter aulas com Dino que, estranhamente, sempre negava. Uma vez eu presenciei, na loja Ao Bandolim de Ouro, onde o mestre dava aula para vários alunos, quase todos medíocres, o Rafael quase implorando: - Dino, eu queria muito ter aula com você. - e o Dino respondendo com um sorriso irônico: - eu não tenho tempo.

Rafael compensava a decepção decorando absolutamente tudo o que o Dino fazia em todas as suas gravações. Era capaz de tocar em uníssono com o violão do Dino, da primeira à última faixa, todos os discos do Cartola, João Nogueira, Altamiro, Jacob e outros.

**O ralador**

É comum entre os músicos mais jovens a “fome” de tocar. Na época do conjunto Os Carioquinhas, Rafael, Luciana e eu freqüentávamos todas as rodas de choro de que tivéssemos notícia. Muitas vezes virávamos a noite de sábado e íamos direto para o Sovaco de Cobra, que rolava às 9:00h da manhã de domingo. Tocando violão com cordas de náilon eu ficava com os dedos verdes, azinhavrados. Já o Rafael, usando cordas de aço, produzia, nas pontas dos dedos, uns calos tão grandes que tinha que cumprir um ritual antes de emendar uma roda na outra. Passava em casa, botava os dedos da mão esquerda imersos em água quente com sal, e depois de alguns minutos passava um ralador de latão, normalmente usado para tirar calos do calcanhar, nos dedos. Fiquei preocupado, na primeira vez que eu vi, e impressionado com o resultado da operação: a água com sal do pote ficava coberta por uma nata de meio centímetro de espessura de calo ralado. O dono dos calos, com os dedos milagrosamente de volta à forma normal, botava a alça da capa do violão no ombro, empinava a barriga e dava a voz de comando: - ao Sovaco de Cobra, com a maior urgência!

## O cuidado com as cordas

Os encontros no Sovaco de Cobra nos deram oportunidade de conviver semanalmente com vários chorões da velha guarda. Alguns tinham hábitos muito curiosos no que diz respeito à conservação das cordas de violões e cavaquinhos. Nos chamavam num canto e diziam, com ar secretíssimo, suas estranhas receitas. - quando eu chego em casa tiro as cordas do meu violão e as coloco esticadinhas pra descansar. Em dois dias elas estão novas! - ou então: - o melhor a fazer é colocá-las numa panela com água pra ferver. Cinco minutos de fervura e elas ficam novinhas! - outros preferiam palha de aço.

Damázio, grande violonista que tocou com Jacob do Bandolim, Altamiro Carrilho e Déo Rian, uma vez, depois de ouvir minha sugestão pra que trocasse as cordas de seu violão, exclamou surpreso: - que é isso? elas só têm seis meses!

E assim, por hábito ou prontidão, os velhos chorões iam sempre adiando a troca de cordas. Quando rompia no cavalete era tranqüilamente emendada. Só não tinha remédio quando estourava no osso da pestana. Aí era comum ouvir a expressão em tom de desolação: - arrebentou no dinheiro!

## Discografia básica

Cito a seguir algumas referências pra quem tiver curiosidade de ouvir alguns violonistas, de épocas diferentes, que traçam o caminho de evolução técnica e da linguagem do violão de 7 cordas. Dos pioneiros Tute e China, passando pelos mestres Dino e Rafael e chegando aos solistas contemporâneos Yamandu Costa (Rio Grande do Sul), Rogério Caetano (Goiás) e Doug de Vries (Austrália).

**Memórias Musicais** (Casa Edison)(Tute, China) – Biscoito Fino
**Telecoteco opus 1** (Dilermando Pinheiro e Ciro Monteiro) (Regional do Canhoto) - Philips
**Cartola** (Regional do Canhoto) os dois CDs da Gravadora Marcus Pereira
**João Nogueira** (Espelho)(Dino) - Odeon
**Altamiro Carrilho** (Choros Imortais 1 e 2 )(Regional do Canhoto) - Copacabana
**Jacob do Bandolim** (Vibrações)(Dino) - RCA Victor
**Os Carioquinhas** (Os Carioquinhas no Choro) (Rafael Rabello) – Som Livre
**Tributo a Jacob do Bandolim** (Joel Nascimento, Radamés e Camerata Carioca) (Rafael Rabello) - Warner
**Rafael 7 cordas** (Rafael Rabello) – Philips
**Todos os tons** (Rafael Rabello) – BMG
**Rafael Rabello** interpreta Radamés Gnattali - Vison
**Dino e Rafael** - Caju/Kuarup
**Rafael Rabello** (Lamento do Morro) – Acari Records
**Yamandu Costa** - Eldorado
**Rogério Caetano** - Pintando o Sete - Independente
**Doug de Vries** (Jacarandá) - Acari